



**DOIS MIL E
DEZENOVE**

HERMANO FALCONE

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Letícia Palmeira

IMAGEM CAPA: © Depositphotos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F182d FALCONE, Hermano, –
Dois Mil e Dezenove / Hermano Falcone. – Guaratinguetá,
SP: Penalux, 2019.
72 p.: 18 cm.

ISBN: 978-85-5833-554-6

1. Ficção, memórias 2. Prosa, narrativas II. Título.

CDD: B868.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

DÉBORA

Não tenho muito tempo nesta viagem louca chamada vida. Tenho dezessete anos. Sou mulher. Será? Ou um molusco e asno unidos num buraco negro? Nasci com Distrofia Muscular tipo Duchenne. Sorteada. Aos três anos já não podia andar bem. Parecia um asno sem rumo. Panturrilhas grossas. Cada vez mais. O ano era 2000. Começo do século XXI. Aparentemente normal. Recebi o nome de Débora. Minha mãe, separada do papai, só tinha eu. Ao perceber que eu era um pouco diferente das outras crianças da minha idade, mamãe processou meu arremedo de pai, que fugiu com o álibi de estar falido. Tinha amizades na redoma da liga da justiça. Mamãe trabalhava como garçonete. Vovó ajudava com grana. Pouca. Mesmo com dificuldades, frequentei escola. Já me preparei para bullying. Não levava a sério. Era uma alienígena no colégio. Mas, aos poucos, algumas crianças se ha-

bituaram. Me ajudavam a escrever. Sentava amarradinha na cadeira para não cair. Gosto de estudar. Muito. Meu sonho era ser escritora e fazer peças de teatro. A doença foi progredindo. Aos poucos se tornou difícil comer sozinha e ir ao banheiro. Minha mãe ajudava como podia. Tinha os problemas dela com dinheiro e relacionamentos errados. O que significava viver para minha reles pessoa? Uma ida vagarosa para um buraco negro. Quanto mais minha musculatura era afetada, mais eu tomava consciência da finitude. Quanto tempo teria? O que conseguiria realizar? Deixar pelo menos uma peça de teatro? Gravando as falas. Teria força na voz? E o tempo passa e me pergunto:

— Até quando vou estar aqui?

A partida podia ser a qualquer momento. Não tenho religião. Eu pedia minutos ao tempo. E só. Gravar demais cansa meus músculos.

O diafragma dói.

Tenho que ir devagar para não partir desta gravando.

DUCHENNE É CHRONOS

Estou em 20019. Já respiro muito mal. Dependo de tudo, basicamente. Os tratamentos são realizados em casa. Pouco se pode fazer. Não aguento mais corticoides. Quanto tempo tenho?

Dias?

Meses?

As pálpebras apresentam dificuldade de movimentação. A menstruação é uma grande geladeira. Terminei o segundo grau com ajuda dos outros. Agora espero a morte, MINHA UNIVERSIDADE. Cronos devora seus filhos. De que valeu a sapiens inteligência? Mas não tenho do que reclamar. Será? Estamos em fevereiro. A inconsequência humana já ceifou muitas vidas em Brumadinho. Mais um matadouro Made in Brazil. Vai dar em nada. Não vou viver para ver. E mesmo que vivesse...

Agora me deparo com fotos de garotos mortos no CT do Flamengo. Tão jovens. Transformaram-se em anjos de sepultura por motivos torpes. Eles sonhavam com grandes campos de futebol, aplausos, vaias. E os cuidadores? Ao menos, no meu caso, minha mãe espera a qualquer momento minha morte. Nada de novo.

— Já chega o vazio dessa vida!

Pode ser agora. E os meninos do CT? A linha do tempo parecia infinita. Planos, desejos, esforços. Viraram pó. Que grande Merda é tudo isso. Merda com M maiúsculo. E as guerras? Os refugiados? A cria da Síria ou da Rocinha que morreu de bala perdida aos 5 anos? Aqui são jovens negros. Nascidos para morrer? Alguém pergunta se eles querem viver? É mais escroto do que aborto. Servem o gosto efêmero da vida e matam por nada. E os meninos do Flamengo? Será que é pedir muito sonhar perante a crueldade e as falhas desta espécie hipócrita e podre?

Desculpem as palavras.

Uma quase morta perde o pudor. Só tenho uma ridícula vantagem em saber que em poucos minutos posso não estar mais aqui. Estou cansada. E a peça? Vai ser póstuma. Dela, digo depois. Ou antes? Respiro pouco. O coração acelera. Minha mãe coloca música. Legião Urbana. Renato foi outro que teve vida complexa e morreu precocemente. Um pouco mais de tempo e

talvez o coquetel lhe desse mais vida. Para quê? Ouço País e Filhos. Uma jovem suicida e o refrão.

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã. Na verdade, não há.”

Olho pela janela do quarto o reflexo da lua. Um vago reflexo. Estou dormindo? Já não sei. Um menino negro aparece no quarto. Ela carrega uma bola. Tem 14 anos. Sorri para mim. Estamos aqui ou em outro mundo? É tempo perdido pensar.



ACASO

Fevereiro de 2016. Ainda tenho alguma energia. A distrofia muscular tipo Duchenne é uma doença genética recessiva. Acomete predominantemente pessoas de sexo masculino. A herança é ligada ao cromossomo X. Como a mulher tem xx, a manifestação da doença é suave ou inexistente. Pode surgir também de mutação. Eu fui sorteada. Sou relato de caso clínico. Foi loteria ser mulher e desenvolver as mazelas da distrofia Duchenne. É como tirar na loteria jogando uma vez apenas. Minha mãe pouco fala do meu pai. Eu não tenho memória dele. Nem meu avô e avó maternos. E uma tia materna. Ninguém sabe informar muito. São estranhos. Detestam falar da família. Parece que houve brigas e cismas. Mary é afetuosa comigo. Jovem. Tem 40 anos. Um metro e sessenta e seis, olhos castanhos, cabelos longos, magra. Bonita. Namora uma tal de João Torquato, dentista. Não

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em agosto de 2019.
